

ANTIGOS agentes secretos ao serviço do regime do "apartheid" e que nas últimas duas semanas têm vindo a confessar o seu envolvimento na morte do primeiro Presidente de Moçambique, Samora Machel, revelaram que a operação para eliminar o Chefe do Estado moçambicano foi aprovada pelo Conselho de Segurança de Estado, organismo dirigido na altura por P.W. Botha, o então presidente da África do Sul. Transcorridos quase 17 anos, Hans Louw, operativo do então Bureau da Cooperação Civil (BCC), instrumento que se dedicava à eliminação dos oponentes do regime, disse que a sua missão era assegurar que Machel não sobrevivesse depois da queda do avião, na localidade de Mbuzini.

Estas evidências vieram contradizer as conclusões oficialmente feitas por uma comissão de inquérito chefiada pelo jurista Cecil Margo, que disse que o despenhamento do aparelho se deveu a erro do piloto, versão rejeitada pelo Governo moçambicano. Louw, um namibiano, e outros agentes cujas identidades não foram avançadas por razões de segurança, admitiram que o Conselho de Segurança do Estado endossou o plano para executar o Presidente moçambicano. Contaram ter havido uma reunião secreta no comando das Forças Especiais, em Spitskop, arredores de Pretória, dois dias antes do acidente que vitimou Samora Machel e 33 acompanhantes.

"Desafio a Polícia, especialmente a unidade de elite Scorpions, para que exija a oficiais das Forças Especiais do exército minutos daquele breve encontro", disse um ex-agente do CCB, hoje proprietário de

Do regime do "apartheid"

N 28/1/03

Conselho de Estado aprovou eliminação de Samora Machel

JORGE DICK, em Joanesburgo

uma frota de táxis em Joanesburgo. Sem se identificar, este antigo operativo do CCB afirmou que a própria operação tinha nome e hoje o público em geral tem o direito de saber o que exactamente se passou.

"A nossa unidade estava pronta para a acção. Estava instalada na base aérea de Hoedspruit, não tão distante da vila fronteiriça de Malelane, na província do Mpumalanga", contou. A instalação daquela unidade, segundo explicou, visava garantir que a força aérea moçambicana não tentasse proteger o avião presidencial após este ter sido desviado da sua rota para território sul-africano. Aviões da força aérea moçambicana seriam derrubados por aquela unidade se tentassem proteger o "Tupolev" presidencial.

A fonte acrescentou que os serviços secretos das extintas Forças da Defesa da África do Sul (SADF) foram informadas por um espião seu em Moçambique de que o avião presidencial regressaria a Maputo no dia 19 de Outubro.

O acidente aéreo que culminou com a morte de Machel está a ser investigado pela Polícia sul-africana. A semana passada, o semanário sul-africano "Sunday World" revelou que o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do "apartheid", Roelof Pik Botha, seria interro-

gado, após alegações avançadas por estes ex-agentes de que ele (Botha) teria chegado ao local do acidente com um médico, o qual injectou Machel com uma substância letal 30 minutos depois da queda do avião. Botha negou fazer comentários públicos, preferindo fazê-lo à Polícia, mas na sua edição de domingo o "Sunday World" não deu qualquer indicação sobre se Botha terá ou não sido inquirido pelos Scorpions, que também irão interrogar o alegado médico.

Louw, a cumprir 28 anos de prisão numa das cadeias de Pretória, insistiu durante a confissão que Machel sobreviveu no acidente. Durante o interrogatório, explicou que o médico em causa integrava o Sétimo Batalhão de Médicos das SADF, que era especializado na eliminação de activistas anti-"apartheid". Este batalhão, que fazia parte do CCB, era directamente supervisionado pelo médico pessoal de P.W. Botha, hoje vulgarmente conhecido por "Médico da Morte", Wouter Basson.

O CCB foi uma organização secreta das forças especiais do Exército do "apartheid". Inicialmente foi criado como uma companhia de segurança privada, mas a partir do momento em que foi integrado no Exército as suas actividades passaram a ser direccionadas aos Estados vizinhos, com destaque

para Moçambique e Angola, dado o apoio que prestavam aos movimentos de libertação sul-africanos, entre os quais o ANC.

A morte da activista anti-"apartheid" sul-africana Ruth First, em 1982, em Maputo, foi uma das acções lançadas pelo CCB.